



MÍDIA E LITERATURA NEGRA COMO PRÁTICA ANTIRRACISTA: UM COMBATE ÀS DESIGUALDADES NA EDUCAÇÃO

Maeles Carla Geisler¹
Sandro Lauri da Silva Galarça²

Resumo: É premente a superação da desigualdade étnico-racial presente na educação escolar em todos os níveis de ensino. Este artigo apresenta a literatura negra como proposta de prática antirracista aliando o texto com a mídia (*audiobook*), com objetivo de delinear as dimensões dessas práticas no combate ao racismo, na valorização das pessoas negras, à descendência africana, sua cultura e história observando uma perspectiva da construção da identidade na pós-modernidade. A pesquisa baseia-se numa revisão de literatura com os teóricos Hall (2006), Gilroy (2001), Martín-Barbero (2023), Jenkins (2022), Freire (2015; 2018; 2024), hooks (2017), Cavalleiro (2024) entre outros. Entende-se que trabalhar com a literatura negra africana de autoria feminina em sala de aula aliada à mídia interfere diretamente no combate à desigualdade escolar em relação às populações negras reafirmando suas identidades e dando visibilidade e voz ao povo negro que não se vê representado na literatura eurocêntrica.

Palavras-chave: Educação antirracista. Literatura negra. Mídia. Desigualdades na educação.

¹Maeles Carla Geisler (👤) Universidade Regional de Blumenau. Blumenau, SC, Brasil. E-mail: maelesgeisler79@gmail.com.

²Sandro Lauri da Silva Galarça (👤). Universidade Regional de Blumenau. Blumenau, SC, Brasil.

INTRODUÇÃO

É necessário romper com a estrutura tradicional dos currículos escolares, que continuam a privilegiar exclusivamente a produção cultural eurocêntrica, tratando-a como a única forma legítima de conhecimento científico (Mayer, 2024). As práticas antirracistas colaboram para que de alguma forma se altere essa ordem, ao mesmo tempo em que projetam um olhar diferente sobre o outro, com sensibilidade e alteridade. Dessa forma, o sujeito da educação adquire conhecimento das diferenças existentes para acabar com o mito de que os negros “não atingem os mesmos patamares que os não negros por falta de competência ou de interesse, desconsiderando as desigualdades seculares que a estrutura social hierárquica cria com prejuízos para os negros” (Brasil, 2004, p. 12).

De acordo com Cavalleiro (2024, p. 121) “a educação antirracista é pensada como um recurso para melhorar a qualidade do ensino e preparar todos os alunos e alunas para a prática da cidadania”. Ser antirracista é lutar e assumir um dever ético, visto que “qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever, por mais que se reconheça a forma dos condicionamentos a enfrentar” (Freire, 2024, p.59).

No mesmo sentido, ter o domínio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) de forma crítica significa dispor de um forte aliado no combate aos preconceitos no cotidiano escolar. A era informacional introduz vários desafios ao modelo escolar, “passando de uma sociedade com sistema educativo a uma sociedade educativa”, na qual o lugar para aprender pode ser qualquer um e as idades, todas. Esses espaços de aprendizagem estão perpassados pela rede de conexões digitais e pelas tecnologias formando um “desenho de novas formas de aprendizagem” (Martín-Barbero, 2023, p. 10). Essas formas novas de aprender não podem ser desconsideradas na educação escolar, mas, ao contrário, precisam ser incorporadas modificando as práticas pedagógicas, sendo que esse desenho novo na aprendizagem citado por Martín-Barbero interfere também na construção da identidade dos estudantes.

Este artigo apresenta uma proposta de prática antirracista para as aulas de língua inglesa utilizando a literatura negra e a mídia, o *audiobook* disponibilizado na plataforma do *YouTube*, juntamente com o texto da obra literária. Tem-se como objetivo traçar argumentos que destacam as dimensões dessas práticas no combate ao racismo, na valorização das pessoas negras, da descendência africana, bem como sua cultura e história, considerando uma concepção de construção da identidade na pós-modernidade de Stuart Hall (2006) e Paul Gilroy (2001).

A obra indicada é o conto “*A private experience*” da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, do livro “*The thing around your neck*” e o público-alvo são alunos do ensino médio. Entretanto, é possível trabalhar esse conto igualmente nos anos finais do ensino fundamental no componente curricular de língua inglesa fazendo algumas adaptações. “É tarefa da escola fazer que a História seja contada a mais vozes, para que o futuro seja escrito a mais mãos” (Mayer, 2024). Isso reduziria as desigualdades na educação para as populações negras, que não se identificam na história que é contada pelos não negros, na qual são representados com uma cultura “confundida com exotismo e/ou primitividade” que há muita “violência e feiura”. Enquanto “o padrão branco” é sinônimo de pureza artística, nobreza estética, majestade moral, sabedoria científica, a ideia da razão”. Esse discurso eurocêntrico está ainda arraigado no “pensamento pedagógico escolar” (Gomes, 2024, p. 68).

No primeiro momento, esta pesquisa se debruça no espaço da mídia e suas implicações racistas, mas também considera a mídia como instrumento de combate aos preconceitos raciais em sala de aula, nos embates das discussões étnico-raciais. No segundo momento, é relatada a força da literatura negra africana como descolonizadora do conhecimento e como objeto que combate às desigualdades na educação, acompanhado de um breve resumo da história do conto proposto e sua atuação significativa na prática antirracista. No terceiro momento, e último das



discussões, são levantadas concepções sobre a construção das identidades na pós-modernidade e as implicações nas identidades dos estudantes na era digital. E, por fim, estão as considerações finais, elencando a proporção dessas práticas antirracistas ao utilizar obras literárias africanas de autoria negra e a mídia.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a investigação é uma revisão de literatura com teóricos da educação (Freire, 2018; hooks, 2017), da mídia e comunicação (Belloni, 2009; Jenkins, 2022; Martín-Barbero, 2023), da construção de identidade (Hall, 2006), da educação antirracista (Cavalleiro, 2024) entre outros estudiosos envolvidos nas discussões levantadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente pesquisa apresenta a seguir a fundamentação teórica com as discussões e resultados, iniciando com a educação antirracista e a mídia em contextos educacionais, seguido da literatura negra e a importância do protagonismo negro, da literatura de Chimamanda Adichie e de alguns pressupostos da identidade na pós-modernidade abrindo debates na esfera educacional em relação à educação para as relações étnico-raciais.

Educação antirracista e mídia

As tecnologias na sociedade contemporânea estão presentes em várias práticas sociais e envolvem as esferas social, política e cultural. Os estudantes recebem diariamente interferência do mundo digital, principalmente das redes sociais. É necessário que o educador tenha um posicionamento crítico e não ingênuo ao fazer uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) pois o deslumbramento só favorece a um “discurso ideológico bem coerente com os interesses da indústria do setor” (Belloni, 2009, p. 24). Para exercer uma cidadania plena na sociedade das tecnologias de informação e comunicação é preciso haver uma “educação para a mídia, buscando formar o receptor crítico, ativo, inteligente capaz de distanciar-se de mensagem midiática e exercer sobre ela seu poder de análise e crítica (Belloni, 1995, p.35 apud Belloni, 2009, p. 45).

De acordo com Michele Távora Julio (2021), há subjetivos entrelaçamentos de uma “pedagogia da branquitude” que são evidenciados nas situações do cotidiano das pessoas, fazendo parte de uma “sociedade educativa cujos processos pedagógicos, artefatos culturais e midiáticos” se atravessam. Esse processo se configura em uma “pedagogia cultural” atuando na formação das identidades dos sujeitos por meio das experiências, sua forma de reconhecer e agir no mundo (Julio, 2021, p. 5). Essas evidências se encontram com as pesquisas de Nascimento (2022) e Silva (2021), em que os espaços privilegiados das mídias ainda estão monopolizados por conceitos racistas forjados na democracia racial. Em especial os resultados de Silva (2021) identificaram que os principais alvos de ataques racistas nas redes sociais são as mulheres negras.

Diante desse cenário, são inadiáveis as práticas antirracistas na educação básica, tomando como exemplo a pesquisa de Moraes (2023) que elaborou materiais para práticas antirracistas numa escola municipal do Rio de Janeiro em suas aulas de língua inglesa.

Utilizando filmes e contos a professora produziu o material, por não haver a disponibilidade em livros didáticos. Como resultado percebeu-se uma eficácia no sentido do conhecimento de atores negros e sua história e igualmente um “sentido de pertencimento” a essa narrativa (Moraes, 2023, p. 148), já que muitos alunos se mostraram sensíveis e reflexivos



após a aplicação das sequências didáticas. De acordo com Ribeiro (2018, p. 106) “passou da hora de as pessoas brancas realmente se posicionarem contra o racismo. Elas não podem mais se comportar como sinhas e senhores contemporâneos, que ainda nos querem no lugar determinado para nós”.

À medida que as reflexões críticas sobre as relações étnico-raciais e o racismo no mundo avançam, especialmente com as contribuições dos intelectuais dos "Estudos Críticos da Branquitude", que colocam o indivíduo branco no centro do debate na luta antirracista, levanta-se a questão de como o indivíduo branco pode colaborar na construção de teorias pedagógicas que promovam a transformação da sociedade, da cultura e das relações étnico-raciais, em oposição à Pedagogia da Branquitude (Julio, 2021, p.183).

Se pensarmos que não há como mudar o que está na sociedade, que o racismo está enraizado e não há solução, isso é uma compreensão que, segundo Freire (2015), é fatalista. É um pensamento ingênuo, submetido e não livre. O autor defende que precisamos de esperança para vencer o fatalismo, que é possível se aderirmos à problematização das coisas e não a sua inexorabilidade.

O presente estudo propõe o uso da mídia em sala de aula de língua inglesa de forma crítica, assumindo o compromisso do educador com a sociedade (Freire, 2018) ao decidir aplicar uma prática antirracista com literatura negra. O conto “*A private experience*” da autora nigeriana Chimamanda Adichie possui um *audiobook* na plataforma do *YouTube*¹ que foi disponibilizado de forma gratuita. O *audiobook* foi produzido por uma pessoa comum que é consumidora de conteúdo na plataforma e ao mesmo tempo é produtora, o que de acordo com Jenkins (2022, p. 205) “iria ocorrer como consequência inevitável da revolução digital: a tecnologia colocaria nas mãos de pessoas comuns [...] ferramentas de baixo custo e fáceis de usar”. “A mídia digital facilitou a comunicação e a produção de material audiovisual que tem sido cada vez mais acessível e fácil para os atores sociais” (Bona; Schlögl, 2021, p. 49).

Essa disseminação pode ter um impacto significativo na educação, desde que os conteúdos sejam escolhidos de maneira crítica, reconhecendo que essas mídias não são neutras. “Para o bem ou para o mal, essa é a democracia na era da cultura da convergência” (Jenkins, 2022, p. 371). As plataformas na rede oportunizam a divulgação de conteúdos, mas é o olhar crítico do professor que os seleciona para atingir os objetivos de aprendizagem, como a aplicação desse conto que é uma ação para combater o racismo.

A lei 10.639/03 da educação das relações étnico-raciais que consta na LDB (Lei de Diretrizes e Bases) tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica em todos os componentes curriculares. Essa lei é uma demanda “da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos” (Brasil, 2004, p. 11). No componente curricular de língua inglesa, consta no Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense como objetos de conhecimentos imprescindíveis incluir os “processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil/Santa Catarina e países de língua inglesa, por seus descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas” (Brasil, 2019, p. 40) para o combate ao racismo. Entretanto, não é o que ocorre efetivamente nas escolas. A lei completou 20 anos desde sua criação e muitos educadores a desconhecem. Por isso, é essencial a adoção “de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino” (Brasil, 2004, p. 12).

¹ Disponível em: [26\) A private experience | English Audio story | Quarantine stories episode 6 - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=26Aprivateexperience). Acesso em: 27 ago. 2024.



O racismo, além de ser um fenômeno político e histórico, molda as subjetividades dos indivíduos, influenciando a consciência e os sentimentos das pessoas por meio das práticas sociais (Almeida, 2019). Trabalhar com práticas antirracistas é se assumir como “sujeitos éticos”, como “sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores” (Freire, 2024, p.19), almejando “possibilitar aos indivíduos pertencentes ao grupo de atingidos pelos preconceitos a reconquista de uma identidade positiva, dotada de amor e orgulho próprios” (Cavalleiro, 2024, p. 121).

Literatura negra e a importância do protagonismo negro

Ao estudar uma língua estrangeira, é inevitável que se mergulhe na cultura das comunidades que a utilizam, e com o inglês isso não é diferente. No entanto, o desafio surge na dependência cultural linguística e literária anglo-americana, que já está profundamente enraizada na percepção tanto de alunos quanto de professores. Sendo o inglês a segunda língua mais falada no mundo, há inúmeras outras possibilidades de abordá-lo, como a sugestão apresentada aqui, de integrar a literatura africana ao ensino da língua inglesa (Costa, 2017) e associando o uso do texto literário com a mídia. É possível descolonizar o ensino da língua inglesa por meio de obras de autoras e autores negros africanos:

A descolonização é um processo histórico, ou seja, que só pode ser compreendida, só encontra inteligibilidade, só se torna transparente para si mesma na medida exata em que se percebe claramente o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo (Fanon, 2022, p. 32).

Ao ensinar a língua inglesa como língua estrangeira, é necessário ter o conhecimento de que a língua carrega a história que a trouxe para esse protagonismo, que foi e ainda é cercado de violências. A pós-modernidade como se apresenta é herança do colonialismo:

Durante séculos os capitalistas comportaram-se no mundo subdesenvolvido como verdadeiros criminosos de guerra. As deportações, os massacres, o trabalho forçado, a escravidão foram os principais meios empregados pelo capitalismo para aumentar suas reservas de ouro e diamante, suas riquezas, e para firmar seu poderio (Fanon, 2022, p. 96).

Segundo Fanon (2022, p. 213) os europeus “não cessaram de opor a cultura branca às outras inculturas”, sendo que, para os europeus outras culturas eram inferiores. Embora Chimamanda Adichie escreva com a língua do colonizador ela descoloniza “a ordem eurocêntrica do conhecimento” (Kilomba, 2019, p. 53) ao contextualizar a história da África em suas histórias e seus personagens estarem carregados da “tessitura das relações familiares, sociais, econômicas e culturais” dos corpos negros (Souza, 2018, p. 100). A autora coloca as histórias da África no protagonismo na cena literária mundial.

A literatura negra de autoria feminina abre espaço para a voz do feminismo negro combatendo os silenciamentos impostos, o “corpo-escrita de autoria negra é atravessado por outros oceanos de palavras não ditas, por outras ilhas de poder” (Cunha; Martins, 2020, p. 76). Sua escrita “pode ser lida como resultado da reação histórica dessas mulheres ao epistemicídio, ao silenciamento e ao machismo estruturado” (Florentina, 2018 *apud* Cunha; Martins, 2020, p. 74). É imprescindível dar voz a quem tem a experiência do sofrimento, como descreve bell hooks, “pois existe um conhecimento particular que vem do sofrimento” do corpo e “foi



profundamente inscrito nele pela experiência” (hooks, 2017, p. 124). E “a experiência individual [...] pode desaguar na verdade da nação e do mundo” (Fanon, 2022, p. 199).

A coletânea de contos intitulada “*The thing around your neck*” foi publicada em 2009 pela escritora nigeriana radicada nos Estados Unidos Chimamanda Adichie com tradução para o título de “No seu pescoço” em língua portuguesa. O texto sugerido para aplicar nas aulas de língua inglesa é “*A private experience*” e faz parte desta coletânea. A proposta é intermediar a história do conto com o *audiobook* disponibilizado na plataforma do *YouTube* e, dessa forma, fazer o uso da mídia para valorizar a cultura negra e o protagonismo negro, sendo que ela, a mídia, é um espaço que reflete as desigualdades socioculturais e as relações de poder que permeiam a sociedade, na qual os interesses das elites brasileiras estão envolvidos.

O conto tem como protagonistas duas mulheres de religiões diferentes que se escondem de um ataque violento dos Hauçás que são muçulmanos e que saíram pelas ruas matando pessoas da etnia Igbo, que são cristãos. É uma guerra civil, e as duas mulheres, uma cristã com nome de Chica, rica e estudante de medicina e a outra muçulmana passam um dia e uma noite num prédio para se protegerem. A história se desenvolve em um diálogo emocionante diante da angústia e do sofrimento da perda de pessoas queridas na fuga e da incerteza do que virá a acontecer (Adichie, 2009). O texto é marcado pela história da Nigéria, a Guerra Civil Nigeriana também conhecida como a Guerra de Biafra. Esse evento ocorreu entre as etnias dos Hauçás e Igbos, o que a autora escreve com mais detalhes em seu romance histórico “*Half of a yellow sun*”. Para Chimamanda Adichie o escrever emerge como o que a Grada Kilomba define “como um ato político” (2009, p. 28), no qual ela discute várias formas de preconceito, o religioso, o racial, o social, o de gênero.

Incluir literatura africana de autoria negra dentro do cenário escolar “torna-se fundamental para a desconstrução de um discurso hegemônico e patriarcal” formando leitores críticos “frente à diversidade étnico racial” (Amaral *et al.*, 2022, p. 561). Ademais, consegue “promover o fortalecimento da autoestima da população negra por meio da reconstrução e valorização das suas características físicas e intelectuais” (Amaral *et al.*, 2022, 562). Trabalhar com essa obra em sala de aula é “mostrar que a defesa da diversidade e da diferença é uma questão vital no processo de construção de uma cidadania duradoura e verdadeira” (Munanga, 2015, p. 22).

A literatura de Chimamanda Adichie

No contexto da literatura negra em âmbito global, Chimamanda Ngozi Adichie se destaca como uma figura de grande relevância devido às suas importantes contribuições tanto para a literatura quanto para os debates públicos acerca do feminismo e de questões sociais. A escritora nigeriana, premiada internacionalmente, projetou a Nigéria no cenário mundial por meio de suas histórias e personagens, tendo seus livros traduzidos para mais de trinta línguas.

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em Enugu, Nigéria, em 15 de setembro de 1977, e cresceu em Nsukka, na casa que já foi do escritor Chinua Achebe. Seus pais, Grace Ifeoma e James Nwoye Adichie, são falantes da língua igbo. Inicialmente, estudou medicina em Nsukka, porém, em 1997, mudou-se para os Estados Unidos, onde cursou comunicação e ciência política na Eastern Connecticut State University (2001). Dividindo seu tempo entre a Nigéria e os Estados Unidos, obteve um mestrado em escrita criativa pela Universidade Johns Hopkins e estudou história africana na Universidade de Yale. Entre 2011 e 2012, recebeu uma bolsa na Universidade de Harvard para a escrita do romance *Americanah*. Atualmente, reside tanto nos Estados Unidos quanto na Nigéria e atua como escritora, palestrante, ensaísta, participando de conferências e workshops pelo mundo, nos quais compartilha seu conhecimento e experiências.



Suas primeiras publicações foram a coletânea de poemas *Decisions* (1997) e a peça teatral *For Love of Biafra* (1998). O seu primeiro romance, *Purple Hibiscus* (2003), recebeu o Commonwealth Writers' Prize e o Hurston/Wright Legacy Award, além de ter sido finalista do Orange Prize e do John Llewellyn Rhys Prize. O segundo romance, *Half of a Yellow Sun* (2006), foi aclamado internacionalmente por sua descrição da devastação causada pela Guerra Civil Nigeriana. Em 2009, publicou a coletânea de contos *The Thing Around Your Neck*; em 2013, o romance *Americanah*, vencedor do National Book Critics Circle Award; em 2014, o ensaio *We Should All Be Feminists*; em 2017, *Dear Ijeawele, or A Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions*; em 2021, *Notes on Grief* e *The Best Short Stories 2021: The O. Henry Prize Winners*; em 2023, o livro infantil *Mama's Sleeping Scarf*; e, em 2024, o romance *Dream Count*. A Amazon disponibiliza em formato Kindle o conto “The Shivering”, parte da coletânea *The Thing Around Your Neck*, além do e-book *Too Indulgent* (2024) e contos originais como *Zikora: A Short Story* (2020) e *The Visit* (2021).

O conto “*A private experience*” dialoga diretamente com a ideia de “o perigo de uma história única” (Adichie, 2019), conceito apresentado por Chimamanda Ngozi Adichie em sua palestra no TED Talk em 2009 e posteriormente publicado em livro pela Companhia das Letras em 2019. Na palestra, a autora compartilha memórias de sua infância marcadas pela leitura de histórias centradas em meninas loiras de olhos azuis, o que influenciou seus primeiros escritos, nos quais as personagens também possuíam essas características e vivenciavam experiências como brincar na neve. Foi apenas ao entrar em contato com obras da literatura africana que suas personagens passaram a refletir a realidade ao seu redor, permitindo-lhe reconhecer-se nas narrativas que produzia.

Na palestra, Adichie (2019) ilustra como as histórias que lhe foram contadas sobre países como o México não traduziam a totalidade da realidade, mas apresentavam uma perspectiva limitada que contribuía para a formação de estereótipos. A autora argumenta que essa chamada “história única” é construída e disseminada por aqueles que possuem poder e a utilizam para reforçar seus próprios interesses, enquanto os que consomem essas narrativas frequentemente não têm acesso a outras visões que possibilitem uma compreensão mais ampla e verdadeira dos fatos.

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p. 16).

É justamente essa “dignidade despedaçada” que Adichie busca restaurar por meio de sua produção literária, a dignidade de um povo, tal como ocorre com tantos outros que são reduzidos a estereótipos a partir de narrativas únicas. Em sua reflexão, Adichie (2019) alerta para os riscos dessa prática e enfatiza a importância de manter um olhar crítico diante das histórias que nos são constantemente apresentadas, seja por meio da literatura, das redes sociais, da mídia ou mesmo do conteúdo ensinado nas instituições escolares.

Chimamanda Adichie critica o desconhecimento generalizado sobre a realidade de seu país natal, a Nigéria, cuja riqueza cultural ela revela por meio de suas obras literárias. A autora questiona se, ao menos, as pessoas têm conhecimento sobre Nollywood, repleta de pessoas criativas produzindo filmes mesmo diante de enormes desafios técnicos, obras tão populares que se tornam um verdadeiro exemplo de nigerianos consumindo suas próprias produções (Adichie, 2019). Nollywood, como é chamada a indústria cinematográfica nigeriana, tem presença significativa nos meios de comunicação. Diante disso, a educação básica brasileira



também carrega a responsabilidade pelo limitado conhecimento dos estudantes sobre a África e seus países, evidenciando a necessidade de abordar esses conteúdos nas escolas.

Identidade na pós-modernidade

A linguagem é um “sistema representacional” fundamental “através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura” (Hall, 2016, p. 18), entretanto, as “palavras carregam sentidos” e pesos diferentes (p. 45). O conhecimento adquirido de outra realidade na qual não se tem experiência como a dos grupos que sofrem violências perpassam por palavras com sentidos diferentes. Para bell hooks (2013, p. 122) a “autoridade da experiência” confere o saber experimental e analítico da questão, embora também possa ser usado para “silenciar e excluir” quando é visto apenas como algo da lembrança que é memória e não realidade do presente.

Na sala de aula situa-se a essência das experiências, pois cada estudante tem sua expressão característica, sua língua, sua família, seus sentimentos, sua religião, suas lembranças, sua cultura com suas feridas e sua história. O compartilhamento das experiências pode alavancar pontos de vista excludentes dado ao pensamento das estruturas dominantes que muitas vezes são reproduzidos nas práticas pedagógicas (Gilroux, 1997; hooks, 2013). “As pedagogias críticas da libertação atendem a essas preocupações e necessariamente abraçam a experiência” e as consideram “vitais de qualquer processo de aprendizado” (hooks, 2013, p. 120).

Aos que se identificam no mesmo espaço de representação pelas opressões sofridas nasce a “política de identidade” para “assumir uma posição a partir da qual possam criticar as estruturas dominantes, uma posição que dê objetivo e significado à luta” (hooks, 2013, p. 120). Os indivíduos que compartilham dos mesmos significados e que pelo despertar das injustiças optam por escrever a história do que simplesmente reproduzi-la. “É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História” (Freire, 2024, p. 53). Foucault e Gramsci, segundo Hall (2016, p. 196) concordam que o poder não está inserido “exclusivamente em termos de força ou coerção: o poder também seduz, solicita, induz, ganha o consentimento”.

As mudanças tecnológicas dos últimos anos permitem novas possibilidades de interação, sobretudo na área da comunicação. As conexões permitidas com a internet estão modificando a forma de como se consome e se produz a cultura. No espaço digital em rede, compartilhamos significados nos trazendo um “senso de pertencimento” (Hall, 2016, p. 20) a um lugar que ultrapassa barreiras físicas e temporais. Esse cenário digital interfere e regula nossas práticas sociais alterando os modos de produção de sentidos. De acordo com o autor, “damos sentido às coisas pelo modo como as utilizamos ou as integramos em nossas práticas cotidianas” (Hall, 2016, p. 21).

Pertencer a uma determinada cultura na pós-modernidade implica diferentes cruzamentos dentro e fora do ciberespaço, apresentando uma outra forma de comunicação e informação.

Pertencer a uma cultura é pertencer, grosso modo, ao mesmo universo conceitual e linguístico, saber como conceitos e ideias se traduzem em diferentes linguagens e como a linguagem pode ser interpretada para se referir ao mundo ou para servir de referência a ele (Hall, 2016, p. 43).

Para Hall, “pertencer a uma cultura é pertencer, grosso modo, ao mesmo universo conceitual e linguístico, saber como conceitos e ideias se traduzem em diferentes linguagens”



(2016, p. 43). O autor descreve cronologicamente três concepções de identidade: a do “sujeito do Iluminismo”, do “sujeito sociológico” e do “sujeito pós-moderno” (Hall, 2006, p. 10).

Numa forma mais individualista, unificada e centrada estava a identidade do sujeito do Iluminismo, na qual o ser humano nascia e permanecia ao longo da vida o mesmo. No sujeito sociológico e cartesiano a identidade reconhece a importância do outro e é formada na “interação” do “eu com a sociedade” na “complexidade do mundo moderno” (Hall, 2006, p. 11). Nesse processo de alinhar os “sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural” o autor utiliza o termo médico “sutura”. “A identidade sutura o sujeito à estrutura” (Hall, 2006, p. 12) dando origem ao homem pós-moderno. O sujeito pós-moderno apresenta sua identidade como uma forma de “celebração móvel”, pois é instável:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (Hall, 2006, p. 13).

Hall (2006, p. 49) apresenta a proposição de Gellner na qual as identidades culturais da modernidade têm uma grande parte de significados na “cultura nacional” como a exemplo dos padrões de alfabetização e da mesma língua. O que Benedict Anderson (1983) atribui como “comunidade imaginada” (Hall, 2006, p. 51) é essa identidade nacional que se constitui com “as memórias do passado, o desejo por viver em conjunto, a perpetuação da herança (Hall, 2006, p. 58).” O autor caracteriza a cultura nacional com profundas divisões e questiona o seu reconhecimento como cultura, sendo que ela é “uma estrutura de poder cultural” (Hall, 2006, p. 59) unida pela força da estrutura de poder.

Nesse processo da identidade pós-moderna tem-se os impactos da globalização na qual a diminuição das distâncias e de escalas temporais traz consequências sobre as identidades culturais. Com a globalização as identidades nacionais são deslocadas, o que traria três possíveis consequências: a formação de identidades híbridas no lugar das identidades nacionais, a desintegração das identidades nacionais com o “pós-moderno global” e a resistência de identidades locais e nacionais diante da globalização (Hall, 2006, p. 69)

Para Picelli (2018, p. 178), embora os estudos de Hall “sejam arquétipos para conceitos mais amplos”, eles inferem “um pensamento linear de história e que se cumpre a partir de um ideal de modernidade que se desloca a partir de uma construção ocidental europeia”. O autor se pauta nos argumentos de Paul Gilroy, que “vê na diáspora uma alternativa de releitura da história e dos processos que se convencionou chamar de modernidade” (Picelli, 2018, p. 179). Entretanto, ambos os autores argumentam que “a partir da questão da diáspora frente ao pós-moderno global trabalhando possibilidades de interpretação da leitura sobre questões como identidade e raça” (p. 180).

Paul Gilroy, na análise de Picelli (2018, p. 181), propõe que reconsideremos a modernidade, sendo que

a identidade se faz, centralmente na modernidade europeia, uma questão de poder e autoridade quando grupos procuram se realizar de maneira política. Exemplos são os projetos Iluministas de esclarecimento e razão. Tal operação acarreta na produção da identidade como uma “coisa a ser possuída e ostentada” e “não um processo contínuo de construção do eu e de interação



social”. A identidade para Gilroy, munido da metodologia diaspórica, seria um conjunto de características sociais que se relacionam nas experiências práticas de identificação (ou de representação, para Hall), simultâneas ou não, contraditórias ou não e que sempre concorreram para a formação de um indivíduo complexo em sua magnitude e que não seria divisível em grupos culturais restritos.

Nesse contexto se encontra o questionamento sobre como denominamos a modernidade e suas características e Gilroy lança a necessidade de se repensar esse conceito com a “herança intelectual do Ocidente a partir do Iluminismo” (Gilroy, 2001, p. 35).

Sobre a criação de conceitos, Walter Benjamin citado por Gilroy (2001) faz uma analogia do pensamento dialético com içar as velas de um barco, trazendo para si o vento da história mundial. As velas são as palavras e os conceitos são produzidos de acordo com o modo que essas velas são içadas. “Um racionalismo acrítico e complacente e anti-humanismo” (Gilroy, 2001, p. 125) fazendo uso da história a favor de interesses de alguns. “Está na hora de reconstruir a história primordial da modernidade a partir dos pontos de vista dos escravos” (p. 125-126). Paul Gilroy retoma a expressão de Benjamin, segundo a qual “a história primordial da modernidade” para pautar sua crítica. É necessário “construir um conceito de história que corresponda” ao fato de que “a tradição dos oprimidos nos ensina que o “estado de exceção” em que vivemos é na verdade a regra geral” (Benjamin, 1987, p. 226).

Nas perspectivas de Hall (2006) e Gilroy (2001), a construção da identidade se relaciona com a construção da história de um determinado grupo social, entretanto, Gilroy pautado em argumentos de Benjamin (1987) cava mais fundo nessa relação elencando a forma de como constroem-se conceitos a partir do racionalismo eurocêntrico que desconsidera a legitimidade de outras formas de pensar e construir conhecimento. Formas de pensar que acordo com Gomes (2024, p. 63), estão enraizadas no modelo escolar, nas práticas pedagógicas que “primam por um modelo branco, masculino, heterossexual e jovem”. Gomes enfatiza a necessidade de articular “educação, cidadania e raça” para a construção das identidades raciais. “Ser diverso e portador de uma identidade racial são aspectos constituintes da formação humana e também uma construção social e histórica” (Gomes, 2024, p. 63). “No Brasil, ser negro é tornar-se negro” (Gomes, 2024, p. 64).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender o contexto discursivo em que os estudantes estão inseridos e como interagem com as mídias permite ao professor desenvolver uma ação-reflexão que favorece uma interação crítica e autocrítica. Dessa forma, é possível educar sobre e por meio da mídia, considerando as transformações globais que influenciam a identidade do indivíduo pós-moderno num país tão diverso como o Brasil.

Projetar a literatura de autores negros é um meio de humanizar analisando o processo histórico de grupos subalternizados. A produção de conhecimento nesse contexto acessa sensibilidades e emoções inerentes ao ser humano e suas responsabilidades na sociedade como cidadão crítico, participativo e antirracista. O papel do professor, como agente ativo através de práticas antirracistas, é transformar de alguma maneira o cenário de opressão presente nas escolas. Utilizando esse conhecimento, o educador deve optar por não mais silenciar, mas sim, agir.

A escolha dos objetos de estudo em sala de aula pode modificar a percepção dos estudantes sobre questões raciais. Ao promover obras de autores e personagens negros que constroem um outro olhar da história os estudantes têm a possibilidade de rever seus conceitos



pré-estabelecidos, ampliando dessa forma a percepção crítica em relação aos elementos que constituem a construção de suas identidades. A falta de acesso à literatura produzida por autores negros africanos é uma forma de invisibilidade das pessoas negras. A literatura africana é discriminada no contexto escolar e aprofundar essas discussões pode reduzir essas desigualdades socioculturais, sendo que as populações negras não se veem representadas no imaginário criado pela literatura eurocêntrica, o que as impede de se afirmarem em sua identidade racial.

O uso de literatura negra intermediada pela mídia nas aulas de língua inglesa é uma forma de trazer a mídia como uma aliada no combate aos preconceitos, ao invés de reforçar o racismo que está normalizado em nossa sociedade e a mídia muitas vezes reflete essa discriminação. Os textos literários de autoria negra feminina são um forte aliado no combate às desigualdades em sala de aula, pois dão voz a um grupo vítima de silenciamentos, colaborando assim, no “desenvolvimento de uma consciência crítica” que “se faz cada vez mais urgente” (Freire, 2018, p.41) para derrotar as violências criadas pelo racismo. Na voz de autoria negra reside uma força de transformação para abrir outros caminhos com paisagens de uma sociedade menos hierárquica e desigual.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Shirlena Campos de Souza; BARRETO, Camila do Rosario Silva; SILVA, Marília Siqueira da; SILVA, Raquel do Rosario. Diversidade étnico-racial nas aulas de língua portuguesa: a importância da difusão da literatura africana de autoria negra para uma educação antirracista. **Revista Philologus**, Ano 28, n. 84, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2022. Disponível em: 41. Diversidade étnico-racial nas aulas de Língua Portuguesa: a importância da difusão da literatura africana de autoria negra para uma educação antirracista | Revista Philologus. Acesso em: 10 set. 2024.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The thing around your neck**. New York: Knopf Ebook, 2009.

ALMEIDA, Silvio Luiz. de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

BELONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 3ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Paulo Sérgio Rouanet. 3º ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BONA, Rafael José; SCHLÖGL, Larissa. Interdisciplinaridade e produção de vídeo para a universidade: práticas educativas de extensão na área de publicidade e propaganda no município de Blumenau. **Revista Anhanguera**, Goiânia, Ano 21, vº 22, Jan-Jun, 2021. Disponível em: revista-unigoias-2021-1-artigo-5.pdf (anhanguera.edu.br). Acesso em: 27 abr. 2024.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. 2004. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/642419/LDB_7ed.pdf. Acesso em: 12 mai. 2024.



CAVALLEIRO, Eliane. Educação antirracista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, E. (org). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. 7 ed. São Paulo: Selo Negro, 2024.

COSTA, Paula de Souza. **Americanah: a literatura africana no ensino do inglês como língua estrangeira**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2017.

COUTINHO, Lúcia Maria; QUARTIERO, Elisa Maria (2010). Cultura, mídias e identidades na Pós-modernidade. **Perspectiva**, 27(1), 47–68. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2009v27n1p47>. Acesso em: 25 de fev. 2024.

CUNHA, Rubens da; MARTINS, Waleska Rodrigues de Matos Oliveira. Mornas eram as noites e Mulheres sagradas: uma travessia transatlântica entre Dina Salústio e Aidil Araújo Lima. **Revista Criação & Crítica**, n. 27, p. 72-94, 2020. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/171766>. Acesso em: 27 ago. 2024.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Trad. Lígia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Trad. Lilian Lopes Martin. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 78 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. 1º ed. São Paulo: Ed. 34, 2001.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, E. (org). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. 7 ed. São Paulo: Selo Negro, 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed Puc Rio, 2016.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2º ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.



JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Trad. Susana Alexandria. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2022.

JULIO, Michele Távora. **Pedagogia da branquitude**: o branco-discurso hegemônico nos artefatos midiáticos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/27137>. Acesso em: 20 abr. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. 1º ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. Trad. Maria Immacolatta Vassalo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2023.

MAYER, Isabel Santos. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e antirracismo na educação**: repensando nossa escola. 7 ed. São Paulo: Selo Negro, 2024.

MORAES, Julia dos Santos. **Olhar para o passado e ressignificar o presente**: práticas e materiais antirracistas em língua inglesa. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, RJ, 2023. Disponível em: https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/209_Julia%20dos%20Santos%20Moraes.pdf. Acesso em 20 abr. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p.20-31, dez, 2015. Disponível em: scielo.br/j/rieb/a/WxGPWdcytJgSnNKJQ7dMVGz/?format=pdf. Acesso em: 27 ago. 2024.

NASCIMENTO, Paulo César. **Ecoando vozes subalternizadas**: uma experiência de/colonial e antirracista de educação linguística em sala de aula de ensino médio. Dissertação (Mestrado em Língua, Cultura e Interculturalidade) - Universidade Estadual de Goiás, Goiás, GO, 2022. Disponível em: https://www.bdt.ueg.br/bitstream/tede/1270/2/DISSERTACAO_PAULO_CESAR_NASCIMENTO.pdf. Acesso em: 08 jun. 2024.

PICELLI, Pedro de Castro. Raça, Identidade e Pós-Modernidade em Stuart Hall. **Intratextos**, Rio de Janeiro, vol. 9, n.1, 2018, p. 169-187. Disponível em: [file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/karinnaadad,+10-Ra%C3%A7a+e+identidade+\[FINAL\]%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/karinnaadad,+10-Ra%C3%A7a+e+identidade+[FINAL]%20(1).pdf) Acesso em: 25 fev. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTA CATARINA. **Currículo base da educação infantil e do ensino fundamental do território catarinense**. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, 2019.

SILVA, Fabio Antonio Abreu da. **Racismo Digital**: Limites e desafios de um campo em construção. 2021. 81p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e



Demandas Populares) - Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2021. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/6461/2/2021%20-%20F%3%a1bio%20Antonio%20Abreu%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2024.

SOUZA, Florentina. **Contemporaneidades periféricas**: Mulheres negras escritoras. Salvador: Segundo Selo, 2018.

UNITS OF ENTERTAINMENT. **A private experience/ English audio story/ Quarantine stories episode**. Youtube, 28 mai. 2020. Disponível em: (26) A private experience l English Audio story l Quarantine stories episode 6 - YouTube. Acesso em: 27 ago. 2024.

